

ESQUECER OU RELEMBRAR O PASSADO? O MUSEU DA LOUCURA E AS REFLEXÕES ACERCA DO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA ATRAVÉS DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

Lucas Kammer Orsi¹

Resumo: Inaugurado em 1996 na cidade de Barbacena (MG), o Museu da Loucura é considerado pioneiro no Brasil pela sua temática: a loucura. O acervo da instituição abriga fotografias e documentos textuais dos pacientes, mas também objetos museológicos, tais como aparelhos de eletrochoque e de raios-X. Seu objetivo é preservar a história do Hospital Colônia de Barbacena, fundado no início do século XX e considerado um dos maiores manicômios do Brasil. O Hospital é marcado pelo sofrimento e pela impunidade e em seu espaço é criado o Museu, em meio ao cenário dos primórdios da Reforma Psiquiátrica e do surgimento da Luta Antimanicomial como maneira de “fazer justiça” aqueles que foram instituídos como loucos. O presente trabalho tem como objetivos perceber de que maneira os veículos de comunicação criam e promovem a imagem da instituição através da divulgação do Museu, atingindo a grande público, bem como discutir de que maneira o patrimônio pode refletir na maneira como é tratada a loucura nos dias de hoje.

Palavras-chave: Loucura, reflexão, patrimônio, memória, sofrimento.

Introdução

O trabalho que aqui se segue está vinculado ao Programa de Extensão “Arquivos Marginais: Crime e Loucura em Santa Catarina”, pertencente a Universidade do Estado de Santa Catarina e coordenado pela Prof. Dra. Viviane Borges, do qual faço parte. A coordenadora, por sua vez, visitou o museu aqui estudado, e que resultou, em 2012 no capítulo intitulado: “A nossa sociedade produziu esse tipo de instituição”: O museu da Loucura e seu acervo”, contido no livro “História da saúde e da doença”, lançado no mesmo ano e que a partir dele, surgiu a proposta para esse trabalho.

“Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes da atualidade é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (HUYSEN, 2000, p. 9).

Essa “sedução pela memória” foi influenciada principalmente pelos grandes acontecimentos do século XX, como as duas grandes guerras ocorridas em 1914-1918 e 1939-1945, respectivamente. Ademais, houve outros acontecimentos que ocorreram em determinados lugares, mas que geraram repercussão no mundo, como as ditaduras na América

¹ Graduando do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail para contato: lucasorsi-kammer@hotmail.com

Latina, Guerra Fria, dentre outros. Após a ocorrência desses fatos, não se tem tanta perspectiva de melhoras no futuro, algo que se tinha anteriormente. Como consequência, percebe-se a tendência de guardar qualquer tipo de vestígio que faça menção ao que houve nesse passado, como forma de rememorar as tragédias para que elas não mais ocorram. Uma das maneiras encontradas foi a patrimonialização de prisões, campos de concentração e hospícios, como maneira de relembrar o passado doloroso como “apelo à vocação conjuratória de um ‘nunca mais’” (JEUDY, 2005, p. 59).

O Museu da Loucura parece uma reverberação desse processo, localizado na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Pioneiro na temática da loucura, o Museu reflete os anos de dor e sofrimento que permearam a história do Hospital Colônia de Barbacena. Inaugurado em 1903, o hospital foi apontado ao longo de sua história como o maior manicômio do Brasil. O trabalho que aqui se segue pretendeu ponderar a realização de uma reflexão acerca do Museu da Loucura, que se encontra em sua fase inicial, percebendo de que maneira ele é mostrado nos veículos de comunicação atualmente. Não obstante, decidiu-se analisar de que maneira a imagem emitida pelos recursos midiáticos influencia na visão acerca do Hospital e desmistificação do conceito de loucura que está presente na sociedade de hoje.

Primeiras concepções de loucura no Brasil: período colonial, imperial e a criação do Hospital de Barbacena

Durante o período colonial e imperial no Brasil não havia assistência para os loucos. “Dependendo de sua condição social as alternativas para o louco se resumiam em perambular pelas ruas, sem rumo; receber cuidados em domicílio, ou ser encaminhado para o estrangeiro” (PEREIRA, 2011, p. 19). Em casos “mais graves”, sendo aqueles considerados desordeiros, eram presos nas cadeias. A primeira instituição para tratar dessas questões foi o Hospital Pedro II, criado em 1852 pelo próprio imperador da época, D. Pedro II.

Cerca de cinquenta anos depois, no estado de Minas Gerais, devido a grande demanda por um espaço para abrigar os alienados, começou-se a pensar na construção de uma instituição que atendesse esses sujeitos. Com essa proposta, no dia 12 de outubro de 1903 foi criada a Assistência aos alienados do Estado de Minas Gerais, na cidade de Barbacena. No entanto, com o passar do tempo, a Assistência ficou conhecida como Hospital Colônia de Barbacena. No entanto, como seguia o modelo em que havia oficinas de trabalho e colônia agrícola, a Assistência acabou ficando conhecida como Hospital Colônia de Barbacena.

Nos primeiros anos de funcionamento, o hospital era reconhecido pelo seu tratamento humanitário aos pacientes, mesmo pelo fato de não haver profissionais especializados na área, problema este recorrente em todo o Brasil. Só que, com o passar do tempo, o número de pacientes que adentrava a instituição era tão grande, que não foi na mesma proporção que os recursos disponíveis. Logo, passou a ser um mero depósito humano, sendo que grande parte dos pacientes não tinha diagnóstico de loucura. Eram epiléticos, homossexuais, prostitutas, pessoas, que de alguma maneira se tornaram incômodas para alguém com mais poder. Meninas grávidas pelos patrões, esposas confinadas para o marido morar com o amante, ou até mesmo pessoas tímidas. Como consequência, os problemas começaram a surgir, dentre eles leitos insuficientes, escassez e precariedade dos recursos, o que acabou resultando numa mudança quanto ao tratamento dos pacientes.

A partir disso, tornou-se algo desumano e em pouco tempo a cidade de Barbacena passou a ser tachada de “Cidade dos Loucos”.

Sônia cresceu sozinha no hospital. Foi vítima de todos os tipos de violação. Sofreu agressão física, tomava choques diários, ficou trancada em cela úmida sem um único cobertor para se aquecer (...). Deixada sem água, muitas vezes, ela bebia a própria urina para matar a sede. Tomava banho de mergulho na banheira com fezes, uma espécie de castigo imposto a pessoas que, como Sônia, não se enquadravam às regras (ARBEX, 2013, p. 51).

Os métodos utilizados como recursos terapêuticos ao longo da história de Barbacena foram extremamente dolorosos para os pacientes, que ainda hoje guardam marcas desse período. Um deles era a utilização de aparelhos de eletrochoque em sessões, onde o principal intuito era conter os pacientes. Além disso, outro método utilizado como represália é a lobotomia, que consistia em uma psicocirurgia onde ocorria a abertura de orifícios na parte sagital do crânio, para retirada das fibras nervosas dessa região do cérebro. A execução transformava pacientes agressivos em pessoas calmas e apáticas. É importante ressaltar que medidas como o eletrochoque e a lobotomia ocorriam também em outras instituições brasileiras, não se restringindo apenas a Barbacena.

Fome e sede eram sensações permanentes no local onde o esgoto que cortava os pavilhões era fonte de água. Nem todos tinham estômago para se alimentarem de bichos, mas os anos no Colônia consumiam os últimos vestígios de humanidade” (ARBEX, 2013, p. 48).

O próprio cotidiano dos pacientes é um fator que gerava sofrimento. As condições que eles eram obrigados a viver eram precárias, sendo que os recursos não correspondiam à quantidade de pacientes. Alguns funcionários chegaram a questionar o funcionamento do

Hospital, mas a teoria eugenista, que sustentava a ideia de limpeza social, dava ao Hospital segurança e justificava o que ocorria entre quatro paredes. “Livrar a sociedade da escória, desfazendo-se dela, de preferência em local que a vista não pudesse alcançar.” (ARBEX, 2013, p. 26) Outro fato que ocorria em Barbacena era a venda de cadáveres para as faculdades de Medicina ali próximas.

Mudanças na Psiquiatria Brasileira: Reforma Psiquiátrica e o Museu da Loucura

A situação começou a se modificar a partir do final da década de 1970. Já em 1961, foi mostrado pela imprensa um trabalho do fotógrafo Luiz Alfredo Ferreira, publicado na revista *O Cruzeiro*, onde trazia imagens dos “bastidores” de Barbacena, mostrando um ambiente hostil e perturbador. Tais imagens deram origem ao livro “Colônia: uma trajetória silenciosa”, organizado pelo psiquiatra Jairo Furtado Toledo. Mas foi realmente no final daquela década, em meio ao final da ditadura e início da abertura política, é que essas denúncias começaram a vir com mais frequência, causando maior impacto na população. Nesse período o país procurou livrar-se dos fantasmas da ditadura, como maneira de reconquistar os direitos civis e a democracia. Conforme Viviane Borges (2012, p. 126), a loucura se tornou também um fantasma a ser expurgado, e isso ocorreu graças a grande divulgação dessas reportagens-denúncia, onde se mostrava o interior e o cotidiano não apenas de Barbacena, mas das instituições psiquiátricas espalhadas pelo país.

O trabalho de Luiz Alfredo Ferreira não foi o único a expor a situação de Barbacena. A partir da entrada de jornalistas no interior das instituições ao longo do Brasil, veio-se a tona o cotidiano dos internados, sendo que Minas Gerais adquiriu repercussão nacional. Outro jornalista foi Hiram Firmino, que publicou no *Jornal Estado de Minas* uma série de reportagens intituladas “Nos Porões da Loucura”, mostrando a realidade de instituições psiquiátricas mineiras como o Hospital Galba Veloso e o Hospital Colônia de Barbacena. Pouco tempo depois, Hécio Ratton, documentarista, lançou “Em Nome da Razão” documentário no qual expõe de maneira crua, mostrando as celas, o eletrochoque, a nudez e as cicatrizes de lobotomia. Esses publicados ao longo da década causaram grande impacto e rebuliço na população brasileira.

Depois de assistir ao documentário em um Congresso, o psiquiatra italiano Franco Basaglia visitou o Hospital de Barbacena e o comparou com um campo de concentração nazista. Considerado um dos percussores da Reforma Psiquiátrica brasileira, a visita de

Basaglia trouxe repercussão internacional à cidade de Barbacena. E foi através dessas denúncias que se começou a pensar em mudanças, dentre elas, o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial, que mais tarde daria origem a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Foi nesse momento que começaram a entrar profissionais especializados na área psiquiátrica, com o objetivo de apagar o passado que um dia fora tão cruel e sofrido. Não obstante, surgiram melhorias, dentre elas o movimento da psiquiatria comunitária e o modelo das comunidades terapêuticas. Ambas procuravam “resgatar o processo terapêutico a partir da transformação da dinâmica institucional” (SOARES, apud. BORGES, 2012, p. 128), bem como procurar inserir o paciente de volta a sociedade. Os primeiros indícios de uma Reforma Psiquiátrica no Brasil começam no final da década de setenta e se solidificam até os dias de hoje.

Durante o III Congresso Mineiro de Psiquiatria, em 1979, foi realizado uma exposição com fotografias e recursos audiovisuais, contando a assistência psiquiátrica, bem como diversas reportagens referentes à psiquiatria em toda Minas Gerais, coletadas ao longo dos anos. Em 1987, foi realizada uma nova exposição, dessa vez no Palácio das Artes em Belo Horizonte com fotos, objetos, reportagens e instrumentos sobre o antigo Hospital de Barbacena. Por meio dessa exposição é que surgem as primeiras negociações para a criação de uma instituição museológica que retratasse a história do Hospital Colônia de Barbacena. Surge o Museu da Loucura, o qual foi finalizado apenas em 1996, quando a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais, através do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena – CHPB firmou convênio com a Prefeitura Municipal de Barbacena, através da Fundação Municipal de Cultura – FUNDAC, viabilizando sua fundação. Tal projeto estava inserido num grande plano de revitalização cultural da cidade, chamado “Projeto Memória Viva”, tendo como objetivo “criar um roteiro cultural e turístico em Barbacena, patrimonializando um passado doloroso que marca inexoravelmente a ‘cidade dos loucos’” (BORGES, 2012, p. 132).

A instituição abriga um acervo variado de objetos, divididos em três salas. Conforme Borges (2012, p. 134), numa primeira, temos documentos de época, como livros e fichas registrando a entrada de pacientes na época. O visitante, ao adentrar essa sala, tem noção de como se dava os registros dos pacientes na época, bem como o funcionamento da instituição. Em uma segunda sala, temos as fotografias, imagens que mostram a parte arquitetônica do hospital, retratando os eventos que ali ocorriam. Grande parte dessas imagens é da década de 1990, onde através do preto e branco, retratam os pacientes, mas sem angústia ou sofrimento. No entanto, é perceptível na análise de tais imagens os anos de confinamento na fisionomia

dos pacientes. De tal forma, o visitante tem a chance de ver de que maneira o sofrimento é refletido na vida dos internos. E a última sala, abriga equipamentos e objetos utilizados pelo hospital. Podemos citar os aparelhos de eletrochoque, de raio-X, bem como equipamentos para medicação, medidores de pressão arterial, uniformes dos pacientes e dos funcionários, entre outros. Ademais, há uma sala separada, que retrata o ambiente onde ocorria a prática da lobotomia, já comentada anteriormente.

Acervo do Museu: iniciativas, impactos e reflexões

“A fim de conservá-los na memória e manter a lembrança da catástrofe, uma comunidade pode tomar a decisão de erigir um monumento, como se faz para os soldados mortos no campo de honra” (JEUDY, 2005, p. 57). A iniciativa da construção do Museu da Loucura se adequa a ideia proposta por Henri-Pierre Jeudy. As vítimas de Barbacena foram um “objeto de um sacrifício”, sendo que ao lembra-las, a comunidade ao redor tem o objetivo de modificar-se, criando um sentimento de justiça pelo que aconteceu no passado.

Ao se tornar acervo, qualquer objeto passa por uma reconfiguração de sentidos. Tornar-se bem cultural de um museu não irá anular as suas funções em que ele um dia serviu, mas passa a adquirir outra conotação: a de objeto histórico. Ou seja, ele passa a fazer parte de um episódio histórico. Francisco Régis discute a existência de história nos objetos. Segundo ele “o objeto é tratado como indício de traços culturais que serão interpretados no contexto da exposição do museu (...)” (RAMOS, 2004, p. 22). Logo, como foi dito anteriormente, o objeto remete a uma “cultura”, a um momento. Nos dias atuais, tem-se debatido o papel educativo dos museus, sendo que para eles, o objeto deixa de ter a celebração de personagens, e passa a ser considerado como uma fonte de reflexão crítica. Além disso, qualquer objeto de um museu tem uma história. Essa história está relacionada a sua procedência, os seus usos e a sua trajetória. E o visitante que vai ao museu e se depara com um objeto, vai começar a imaginar a trajetória dele. Os pontos elencados anteriormente irão surgir na mente do visitante. E a partir disso, surgirão questões como: “Para que era usado? Como foi parar ali? Seu uso era benéfico ou não?” Francisco Régis trabalha com o exemplo das algemas utilizadas durante o período da escravidão. As algemas, de certa forma, relembram os anos em que o sistema escravista esteve presente na sociedade brasileira. No entanto, o objeto também simboliza as estratégias de poder dominante e o sofrimento causado do senhor para com o escravo. No caso do museu da Loucura, podemos tomar como exemplo o aparelho de eletrochoque. O

objeto em si, remete aos manicômios espalhados pelo Brasil e ao imaginário ocidental sobre a loucura. Só que não apenas isso, o aparelho simboliza uma técnica utilizada como tratamento, mas em algumas instituições, como foi o caso de Barbacena, como repressão, no intuito de acalmar algum paciente, ou servir como “fonte de equilíbrio”.

Mídia e veículos de comunicação:

Criado pelo governo estadual, em 1903, para oferecer "assistência aos alienados de Minas", até então atendidos nos porões da Santa Casa, o Hospital Colônia tinha, inicialmente, capacidade para 200 leitos, mas atingiu a marca de cinco mil pacientes em 1961, tornando-se endereço de um massacre. A instituição, transformada em um dos maiores hospícios do país, começou a inchar na década de 30, mas foi durante a ditadura militar que os conceitos médicos simplesmente desapareceram. Para lá eram enviados desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive, doentes mentais.²

O trecho acima é de uma reportagem publicada no site do jornal *Tribuna de Minas*, discursando acerca da criação do hospital de Barbacena e suas consequências na vida dos pacientes e da sociedade em geral. Ao longo da reportagem, nos é contado um pouco sobre sua história, o cotidiano dos internos e finaliza comentando sobre a criação do Museu da Loucura e seus principais objetivos.

Não é apenas na reportagem do jornal *Tribuna de Minas* que é repassada essa mesma imagem. É perceptível ao longo das reportagens a presença constante dos termos horror, sofrimento, desafetos, extermínio em massa e barbárie, bem como mostrar relatar o cotidiano dos pacientes, com o objetivo de caracterizar o período relatado. Com isso, pode inferir-se que essas reportagens tem o intuito de querer impactar o leitor, quase sendo comparadas a reportagens-denúncia. Além disso, fica assídua a questão da impunidade em memória as vítimas de Barbacena. Até os dias atuais, ninguém foi punido pelo genocídio.

Diante desse cenário de horror e sofrimento, “o Museu da Loucura vai continuar lembrando o que, convenientemente, poderia ser esquecido”³ mas também serve de tributo as milhares de vítimas que morreram no Hospital. Essa imagem é perpassada no decorrer das reportagens, na tentativa de atingir a população. Portanto, o museu assume uma posição crítica diante da sociedade, pois, de acordo com Pessanha, “quando entramos nos museus, entramos no tribunal, onde várias falas se apresentam, várias vozes silenciosas, fortíssimas e

² Trecho da “Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição”, realizada pelo jornal *Tribuna de Minas* (Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/cidade/holocausto-brasileiro-50-anos-sem-punic-o-1.989343>> Acesso em: 15/11/2013),

³ Trecho da “Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição”, realizada pelo jornal *Tribuna de Minas* (Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/cidade/holocausto-brasileiro-50-anos-sem-punic-o-1.989343>> Acesso em: 15/11/2013),

eloquentes se apresentam, há réplicas e trélicas, (...), e tem-se, de alguma maneira, que tomar posição. (...)” (PESSANHA, apud. RAMOS, 2004, p. 29).

Em livro recente, intitulado “Holocausto Brasileiro”, a jornalista Daniel Arbex procurou caracterizar o Hospital a partir de experiências e depoimentos de ex-pacientes e ex-funcionários, bem como pessoas próximas e relacionadas ao Hospital. Tal caracterização se dá através de diversas imagens ao longo do livro, juntamente com a narrativa, contextualizando o ambiente e a história de maneira mais efetiva. Durante o livro, a jornalista assinala o Hospital como um lugar frio, hostil, repleto de sofrimento e dor, ao mesmo tempo em que mostra as mudanças ao longo das últimas décadas, finalizando com o Museu da Loucura, considerado, segundo Daniela, um tributo as vítimas.

Ainda hoje se tem presente uma visão de loucura estereotipada. Tal visão surge do pressuposto do próprio preconceito contra instituições psiquiátricas atuais, e principalmente, seus pacientes. Cria-se certo distanciamento por parte delas. Esse distanciamento surge no passado, quando se tinha presente a ideia de manicômios, sendo que eram responsáveis pelo isolamento social de pessoas instituídas como loucas. Como consequência, esse distanciamento continua até os dias de hoje, sendo que há casos em que os pacientes são esquecidos e são obrigados a viver na solidão. No entanto, já se tem iniciativas dos próprios hospitais em reintegrar os pacientes a vida social. Pelo menos aqueles que têm maior independência.

Ligar o passado ao presente é uma das características dos museus. Conforme Francisco Régis (2004, p. 94), “o passado transforma-se em passando”, já que muito do que ocorre na sociedade contemporânea se deve a construções do passado. O Museu da Loucura não foge a regra. Ao conhecer a história de Barbacena através do Museu, o visitante poderá entender o que era “considerado” loucura durante boa parte do século XX. São as “emoções provocadas” (JEUDY, 2005, p. 60) pela instituição museológica que possibilitam ao visitante construir um sentido crítico daquilo que já aconteceu e coloca-lo em prática nos dias de hoje. Ou seja, ele irá tomar um posicionamento no presente, nesse caso, sobre a loucura. Esse pensamento crítico romperá com a visão estereotipada que se tem sobre loucura. Ademais, tem-se também a ligação do presente com o que vai acontecer no futuro. Compreender o passado e o presente determinará o que poderemos querer no futuro, através de nossas escolhas. As reportagens são fundamentais para a divulgação do museu e para que a população tenha noção dessas ligações entre passado-presente-futuro. Ou conforme Jeudy (2005, p. 63), “o ritmo da memória segue o da catástrofe, provocando ao mesmo tempo os

efeitos da simultaneidade entre o passado, o presente e o futuro, que perderiam o próprio sentido ante a ideia de ocultação”.

Em 1979, esse palco de horrores começou a sofrer algumas transformações – a data é questionada por especialistas, mas é considerada pela maioria como marco inicial da reforma psiquiátrica no Brasil. A humanização no tratamento dos pacientes, a redução do número de leitos nos hospitais de saúde mental e a criação de serviços substitutivos, porém, avançou a passos lentos nos anos seguintes. Somente em 2001, com a promulgação da Lei da Reforma Psiquiátrica (nº 10.216/01) – que levou, acredite, mais de 10 anos para ser aprovada – uma rede integrada, formada por núcleos de atendimento, unidades de apoio e hospitais-dia começaram, progressivamente, a substituir o modelo antigo.⁴

Ao longo delas percebe-se a comparação do que ocorreu nesse caso, em Barbacena, no início do século XX, e como é tratado nos dias atuais. Cita-se principalmente a criação da Reforma Psiquiátrica e a reverberação que ela teve no tratamento dos internos nos últimos anos. E a mudança do tratamento psiquiátrico é atestada ainda no trecho de uma reportagem do site *Museu da Psiquiatria*:

O Museu é uma atração não apenas para o meio acadêmico, mas para toda a comunidade. Isto porque além de mostrar a história do antigo “manicômio” através da exibição de equipamentos, acervo do hospital e ainda documentação de dados coletados e pesquisados em todo o Estado, enfoca a atual abordagem do tratamento psiquiátrico que vem sendo desenvolvida junto aos pacientes. E com isso proporciona abertura para a comunidade aceitar melhor o portador de sofrimento psíquico.⁵

Como já foi dito anteriormente, um dos objetivos do Museu é fazer uma reflexão crítica sobre a loucura. Nessa matéria é comentada que o Museu em si serve de maneira positiva, pois através dele consegue-se construir um elo mais forte entre os pacientes do Hospital e a comunidade ao redor, que passa a olhar eles de outra maneira. Rompe-se com a concepção de isolamento social e adquire-se uma aproximação maior, conseguindo expressar uma atenção especial com respeito e carinho, incluindo o paciente como parte da comunidade.

Considerações finais

“Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente” (RAMOS, 2004, p. 21). Pensar o presente relacionado ao passado é um desafio, já que vivemos numa

⁴ Trecho da matéria “Onde (e como) tratar?”. Disponível em:

http://www.revistaviverbrasil.com.br/imprensa.php?edicao_sessao_id=730 Acesso em: 01/11/2013

⁵ Trecho da matéria “Histórico do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena”. Disponível em: http://www.museudapsiquiatria.org.br/predios_famosos/exibir/?id=1 Acesso em: 01/11/2013

sociedade que tem uma concepção de História linear, eurocêntrica e que estuda apenas o passado. No entanto, tem-se tentado fazer uma ligação entre os dois tempos, de tal maneira a compreender o presente e poder fazer modificações. E o Museu da Loucura é uma dessas iniciativas.

Uma das principais propostas do Museu é pensar em outra lógica de pensar a loucura. Trazer o passado doloroso não é fácil, por mais que queira e tente ser esquecido. Apesar disso, as necessidades do presente requerem uma viagem ao passado, de tal maneira a modificar a visão de loucura. Uma visão que aproxime as pessoas dos pacientes, pensando que eles também são seres humanos, que tiveram suas próprias histórias, suas trajetórias, seus medos e anseios. Pensar o cenário da época, tendo em mente os motivos em que muitos foram internados, o tratamento lá dentro, as denúncias, as mudanças que lá ocorreram é um misto do que o Museu da Loucura propõe para o visitante.

(...) o Museu da Loucura faz parte deste contexto se solidificando como um espaço onde a arte, a história e a memória se organizam para resgatar e preservar fragmentos da psiquiatria mineira, de forma crítica e reflexiva tornando-se um Centro Cultural de grande atratividade para turistas, universitários e a sociedade em geral (PEREIRA, 2011, p. 37).

Ainda que o Museu seja uma iniciativa recente, é algo conveniente. Nesse sentido, entram as mídias e os veículos de comunicação. Pois serão eles que levarão essa mensagem para grande público, divulgando os principais objetivos do Museu da Loucura. Passar uma reflexão crítica da loucura levará a construção de sujeitos críticos, de cidadãos que conheçam sua própria comunidade e entendam sua própria existência. Os obstáculos são grandes, mas fica o convite.

Referências Bibliográficas

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição**. Disponível em: <http://www.tribunademinas.com.br/cidade/holocausto-brasileiro-50-anos-sem-punic-o-1.989343> Acesso em: 01/11/2013

_____. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BORGES, Viviane. "A nossa sociedade produziu esse tipo de instituição": O museu da loucura e seu acervo. In: MORGA, Antônio Emílio. **História da saúde e da doença**. Itajaí: Casa Aberta, 2012

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004

JEUDY, Henri Pierre. Patrimônio e catástrofe. In: JEUDY, Henri Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005

ORLANDO, Elisangela. **Onde (e como) tratar?** Disponível em: http://www.revistaviverbrasil.com.br/impressao.php?edicao_sessao_id=730 Acesso em: 01/11/2013

PEREIRA, Lucimar. **Histórico do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena**. Disponível em: http://www.museudapsiquiatria.org.br/predios_famosos/exibir/?id=1 Acesso em: 01/11/2013

_____. **Memórias da loucura: o papel do Museu na resignificação do imaginário urbano**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso MBA Executivo em Saúde. Pós-graduação lato Sensu, Nível de Especialização Programa FGV-FHE-MIG, 2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.